

## O homoerotismo nas obras *Sombra severa* e *Jaz Mim*

Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva (UFPA)

### Resumo:

*Esta comunicação tem por objetivo fazer uma leitura das obras “Sombra severa” de Raimundo Carrero e “Jaz mim” de Júlio Barbabella depreendendo das obras citadas as representações do que se poderia chamar de relações homoeróticas. Lembrando que as obras pertencem a uma concepção de construção literária alicerçada na homotextualidade. A primeira dialoga com o texto bíblico colocando duas personagens, um chamado de Abel e o outro de Judas, numa encruzilhada de desejos difusos e incompreendidos até certo momento culminando na morte de um. A segunda obra traz um relato de uma personagem que está na UTI com AIDS que busca fazer um resgate da sua vida desde o início da descoberta de sua sexualidade até o seu atual estado. Relatadas em terceira pessoa, as duas obras engendram reflexões e pontos de vista diferentes relacionados à idéias de sexualidades que podemos considerar como em trânsito.*

**Palavras-chave:** homoerotismo, homotextualidade, intertextualidade, sexualidade e identidades em trânsito.

### Introdução

O presente artigo busca fazer uma leitura das representações de relações homoeróticas entre personagens, uma na obra *Sombra severa* do escritor Raimundo Carrero e uma outra *Jaz mim* do escritor Júlio Barbabella. Vejamos o que comenta a estudiosa Denise Carrascosa a respeito da crítica especializada sobre a literatura de expressão gay e as bordagens sobre o homoerotismo:

A própria crítica homoerótica brasileira parece também não querer aventurar-se a desestabilizar a entronização que, durante décadas, vem sendo promovida a partir de leituras que perpetuam a obra em suas referências metafísicas. A revisão bibliográfica, empreendida nesta seara de estudos, permitiu o encontro com uma vasta produção acadêmica brasileira, embora recente (entre o final dos anos 90 e este início de século) que analisa inúmeras obras da nossa literatura, sobretudo as contemporâneas, a partir do instrumental dos estudos de gênero e dos estudos gays e lésbicos, mas que não ousa referir-se a *Grande sertão: veredas*. Este fato é sinalizado por João Silvério Trevisan em *Devassos no paraíso*. Fato que pude constatar em minha participação no II Congresso Internacional da ABEH (Associação Brasileira de Estudos Homoeróticos), realizado na UNB em junho de 2004, conforme seus anais, bem como, no IX Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na URGs em julho de 2004, em seu simpósio *Erotismo e escrita – processos de subjetivação*. (CARRASCOSA, 2005, p. 01)

Como pudemos perceber, a estudiosa se ressentia de uma crítica que abordasse a obra de Guimarães Rosa pelo viés dos estudos gays. Há na nossa produção literária escritores que colocam na suas obras as suas vivências como pessoas de orientação homoerótica. Vamos verificar, na passagem que se segue, alguns relatos sobre esses escritores feitos pelo estudioso João Silvério Trevisan:

A partir de meados da década de 1970, começou a surgir uma nova geração de escritores que vertiam mais desinibidamente, na ficção, suas vivências, afetos e angústias enquanto homossexuais. O escritor Aguinaldo Silva pode ser tido como precursor, ao publicar o seu belo e incomum romance *Primeira carta aos andróginos* (1975) (...) Há que salientar ainda a voz personalíssima de Caio

Fernando Abreu, com seus contos cheios de rapazes sonhadores e abúlicos, em clima pós-desbunde, procurando amor na cidade grande ou arrastando consigo uma sexualidade sem paz – descobertas às vezes com surpresa na figura de um sargento sádico, às vezes com ansiedade no corpo latejante de um primo mais velho etc. (...) Deve-se também lembrar também a obra de Herbert Daniel na qual sobressai um livro autobiográfico muito importante pela beleza, sinceridade e grande poesia no tratamento: *Passagem para o próximo sonho* (1982). Aí, o autor relata sua participação na guerrilha brasileira e seus problemas enquanto homossexual que, após fugir do Brasil durante a ditadura de 1964, acabou se empregando como porteiro numa grande sauna guei de Paris. (TREVISAN, 2002, p. 265)

Há também possibilidades referentes à autoria e aos estudiosos que, segundo o pesquisador Denilson Lopes, ao afirmar uma afetividade, buscam atenuar um isolacionismo típico, muitas vezes, desse homem contemporâneo. Observemos:

Muitas são as opções. Ser um escritor gay é afirmar uma afetividade que, longe de acentuar o isolamento e a alienação do homem contemporâneo, é uma forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, de uma estética de um sujeito plural, como defende Jurandir Freire Costa, de uma estética da existência, para lembrar uma vez mais Foucault. Não mais a estética, nem mesmo a crítica, apenas a escritura. Na volta do autor, nos anos 90, a experiência se sobrepõe ao lugar da identidade. Entre relato de leituras e a autobiografia é o lugar em que quero estar hoje nesta estação chamada estudos gays. Não é um lugar tranquilo de se estar, não se trata de nenhum país das maravilhas. Frágil, perplexo, humilde me aventuro, aprendendo a balbuciar como uma criança em meio aos ruídos deste fim de século. (LOPES, 2004, pp. 04-05)

Outras formas de expressão do comportamento homoerótico, via literatura, começaram a ganhar um maior terreno a partir do final da década de 70. As palavras de Denilson Lopes adiante assemelham-se às de João Silvério Trevisan, assim:

Quando as energias utópicas e rebeldes que agitaram os anos 60 e parte dos 70 começam a perder força, um horizonte pós-moderno constituído e interpretado por desejos e identidades homoeróticas emerge. Paisagens entre a melancolia e a alegria possível, a deriva sexual e o temor da Aids, a solidão e a ternura, a desterritorialização e a busca de novos tipos de relações. É nesse sentido que pode ser entendido o melhor da obra de Caio Fernando Abreu, Keith Jarret no *Blue Note*, de Silviano Santiago, bem como trabalhos de Edilberto Coutinho, José Carlos Honório, Jean-Claude Bernardet, João Gilberto Noll, Bernardo Carvalho, letras de Cazuza e Renato Russo, poemas de Ana Cristina Cesar. (LOPES, 2002, p. 140)

Além dessas obras citadas por Denilson Lopes há outras obras que tratam do comportamento homoerótico na sua relação com questões existenciais e conflitos amorosos não bem compreendidos.

### **Sentimentos não compreendidos na obra *Sombra severa***

Em 1986, depois dos agitados anos 70, há a publicação de uma obra do escritor pernambucano Raimundo Carrero intitulada *Sombra severa*. O narrador em terceira pessoa é onisciente intruso mas omite determinados fatos da história para que ela mesma os apresente ou os mostre ao personagem principal Judas. Este narrador conta a história do desejo amoroso que sente a personagem Judas pela namorada do seu irmão Abel. Depois de alguns acontecimentos, Judas tem

um relacionamento sexual forçado com Dina, namorada de Abel e este acaba descobrindo. Depois disto ela passa a morar na casa deles.

Nesta obra, os espaços sociais de homossociabilidade estão representados por uma cidade do interior, provavelmente no sertão ou agreste o que poderia também justificar, de certo modo e sob determinada visão, o sufocamento do desejo homoerótico pelo irmão. Os conflitos existenciais da personagem se dão num plano mais psicológico do que na interação mesmo com as outras personagens da obra. A casa passa a ser uma espécie de espaço cognitivo que nas palavras de Zygmunt Bauman:

No pólo da intimidade, bastante de intimidade é partilhada como o Outro. Não admira que o conhecimento acumulado seja vasto e multifário. Observei o outro diariamnete, em toda sorte de ocasiões, em toda sorte de ações e modos e estados de mente. Não há virtualmente nada na identidade do Outro que eu tenha deixado de notar ou possa pensar como algo que ignoro (...)

No pólo do anonimato, não se pode em absoluto falar realmente de distância social. Um Outro verdadeiramente Outro está fora ou além do espaço social. Esse outro não é verdadeiramente objeto de conhecimento – não considerando que, na melhor das hipóteses, desde uma consciência subliminar há, potencialmente, um humano que pode ser um objeto de conhecimento. (BAUMAN, 2003, p. 171)

É pela perda das referências com relação ao outro, como defende Bauman, que podemos construir uma imagem daquele que julgamos não conhecer bem, daí a construção que Judas fez de Abel: um desejo reprimido que se configurou na construção social do “estranho”. Quanto mais há o distanciamento do pólo da intimidade mais o outro se torna um estranho. Assim:

Um estranho só podia entrar no raio de proximidade física numa das três capacidades: ou como inimigo a ser combatido e expulso, ou como hóspede admitidamente temporário a ser confinado a zonas especiais e tornado inofensivo por estrita observância do ritual isolante, ou como futuro próximo, caso em que tinha que se fazer próximo, ou seja, comportar-se como se comportam os próximos. (BAUMAN, 2003, p. 173)

É o que ocorreu com Abel depois que este descobriu o que Judas tinha feito. Abel se tornou praticamente um estranho confinado num espaço social da casa na qual todos conviviam. “Doente” de “ciúmes”, Judas acaba matando Abel pois não suportava o irmão que não o enfrentava por aquilo que tinha feito.

A lâmina fosse o sol não teria tanto brilho no gesto rápido. O golpe, mais do que o golpe, a própria morte, atingiu o peito de Abel, fazendo escoar, represa de águas incontidas, o sangue escuro, num espirro que sujou o capote de Judas. Não esperou mais, não esperou, não tinha por que esperar: o segundo golpe, já sem brilho de lâmina manchada de sangue, abriu o peito do irmão. (CARREIRO, 1986, p. 48)

Abel, segundo uma visão distorcida do sentimento homoerótico, deveria ser eliminado. Depois do assassinato do irmão, o próprio Judas carregou o caixão, como uma paixão de Cristo inviesada, pois Judas, o traidor, matara o irmão Abel. Aqui Judas é o assassino e não Caim como ocorre na narrativa bíblica. O que se percebe então é um processo intertextual que joga com as personagens bíblicas, mudando os papéis e as possibilidades. Observemos a cena:

O povoado viu-os. É possível que tenha escutado – a solidão da noite explicaria – o sibilar renitente dos lábios de Dina. E mais do que isso: admirou-se que Judas carregasse, sozinho, o caixão sobre os ombros. (CARREIRO, 1986, p. 51)

Aos poucos, durante a narrativa, Judas começa a se lembrar do passado que teve com seu irmão e, de vez por outra, através do jogo do baralho, tenta dar um sentido aos acontecimentos que viveu. Judas descobre então que amava o irmão, mas não era só um amor de irmão. Vejamos alguns trechos:

Na verdade, porém, Judas deslumbrava-se: um facho de encanto na fazenda de Jati. Belo, Abel menino era belo, cabelos espalhados na cabeça, assanhados, e os olhos intensamente negros. As vestes de algodãozinho, a camisa aberta ao peito. Parecia um ser desenhado.

Veio, o irmão, e sentou-se bem ao seu lado, no alpendre. Descobriu? Teria descoberto? Foi ali no alpendre de Jati, os pais dentro de casa, ouvindo os risos, que viu os olhos verdadeiros de Abel. Tão negros os olhos e de um encanto buliçoso. Coisa terrível é descobrir olhar. (...)

Foi amor. Pois só agora, passados tantos anos, podia compreender: o amor é a inveja do outro: ama-se para roubar do outro a parte que lhe falta.

A beleza de Abel impulsionara-o para os escuros da alma. E não podendo completar a parte que faltava em seu corpo – era homem e irmão – o outro lado enlodara-se. Apodrecera. Teria sido ali o descuido de Deus? Tão cuidadoso mostrava-se com Abel. (CARREIRO, 1986, p. 56)

A descrição parece mostrar o que seduzia Judas: a princípio o corpo de Abel, depois o olhar. Judas, a partir da lembrança do passado é que compreende o que sentia, mas que não era permitido. O desejo homoerótico estava lá, mas não podia se realizar sexualmente: era homem e irmão. As metáforas do lodo e do apodrecimento confirmam a transformação do sentimento homoerótico que era tão caro mas que não fora compreendido a tempo. Homem e irmão, essas duas palavras emblematizam o entrave do relacionamento que acabara com um fim trágico. Não poderia se relacionar com um homem e mais com um irmão, seria “pecado” duas vezes: “homossexualidade” e incesto. Já que esta parte não poderia ser concretizada, foi esmagada, então surgem três metáforas para expressar tal fato: a escuridão, o lodo e a podridão. Parecia, segundo as observações do narrador, que Abel não sentia o mesmo, por isso Deus o poupava, Deus descuidou-se de Judas no qual deixou-se plantar tal sentimento. Judas se lembrava de Abel constantemente e a arte de mal-encontrar mostra um outro lado:

A arte de mal-encontrar, se dominada, relegaria o outro para o fundo; ou o outro não passaria de borrão no fundo do cenário contra o qual se coloca a ação. Na verdade, lançar o outro para o fundo do cenário não o faz desaparecer. O fundo está inegavelmente lá. Sabe-se, se acaso fosse o desejo do outro, este seria capaz de focalizá-lo em qualquer tempo. (BAUMAN, 2003, p. 173)

Depois de se casar com Judas, Dina começou a se vestir igual a Abel, provocando, de certa forma, o irmão. Inicialmente, nos pensamentos de Judas, ela fazia isso para lhe consolar, de dia seria o irmão para ampará-lo, à noite seria a esposa para completá-lo. Contudo, nem uma das duas coisas aconteciam de fato e a situação começava a chegar a um ponto crítico. Judas não conseguia se relacionar com a esposa, não esquecera do irmão, descobrira-se na solidão que então o atormentava. Vejamos:

Chorava. Nem descobrira sequer, em todos aqueles anos, que tivesse lágrimas. Que ele também tinha lágrimas escondidas no corpo austero e casmurro. Soluçava, soluçava muito.

Se pudesse reinventar o tempo, não empunharia o punhal. E se tivesse desconfiado que era para aquilo que a arma serviria, nem mesmo teria comprado. Voltou o rosto para a parede.

Esgotadas as lágrimas, enxugou o rosto com as mãos, esfregando-o. Sentou-se. Ficou de pé. Não teria forças para andar. As pernas não obedeciam. (CARREIRO, 1986, p. 115)

No final da narrativa, Judas tem um sonho bastante sugestivo, dá a entender que era a sua morte anunciada. Aparecem dois anjos emblematizando figuras de homens masculinizadas e segurando cada um uma espada, a espada, em alguns casos (aqui é o sonho), pode indiciar o falo e mais, estavam flamejantes, simbolizando o desejo sexual passional. Vejamos:

Judas não pôde – pode – nunca revelar se foi um sonho, o homem enterrado no sono, ou visão. O que ele viu, sonho ou consciência, não esqueceria. Em cada uma das portas – tanto na que dava para a saída, quanto na que levava ao quarto de Dina – apareceram dois anjos guerreiros, fortes e altos, cada um com espada flamejante na mão. (CARREIRO, 1986, p. 115)

Ainda no final, temos tanto a impressão de que Judas não saiu mais do quarto quanto a impressão de que Dina aparece transfigurada no “outro”, objeto de desejo perdido para ela e Judas: Dina se transforma, como uma visão ou uma ilusão dos sentidos, em Abel:

Difícil acreditar, a sepultura não mentia, todos lembravam-se do dia em que Judas passou com o caixão sobre os ombros, a noite havia testemunhado. Pois agora, naquele exato instante, o que estavam assistindo?

Abel surgiu com o rosto brilhando feito sol, as vestes resplandecentemente brancas, o cavalo com a estrela desenhada no peito. A roupa refulgia na alumiação da manhã. Ao sol do quase meio-dia. (CARREIRO, 1986, pp. 116-117)

### **Sexualidade, violência e dor na obra *Jaz mim***

Questões de saúde e de delinquência, ainda associadas de certa forma às relações homoeróticas são discutidas por algumas obras, isto acontece a partir da década de 90. Este é o caso da obra *Jaz mim* de Júlio Barbabella, publicado em 1992, época de grande discussão a respeito da AIDS. A descrição inicial é a de uma personagem chamado Adriano que está doente de AIDS e numa fase terminal. Num determinado momento surge uma pessoa para quem ele conta a sua história. Vejamos um trecho:

Na cama, deitado de lado olhando para a janela, fitava o infinito. Magro, as pernas já não o sustentavam, os braços secos. O corpo outrora liso e formoso, estava áspero, cheio de cicatrizes profundas que começavam na nuca e terminavam no tornozelo. Os cabelos, antes invejados, eram agora escassos, sujos e despenteados. O rosto, ah ... o rosto que era seu cartão de visita, que lhe abria as portas do mundo ... No rosto, ainda aqueles olhos castanhos, aqueles simples olhos castanhos, penetrantes, não mais de conquista, mas de angústia, piedade. Seus lábios rachados. Lábios que causavam arrepios e recebiam elogios, agora repugnantes. Seu rosto nem mais transmite beleza, juventude e virilidade. Seu rosto está pálido, há rugas que denotam envelhecimento precoce, solidão, sofrimento e dores. (BARBABELLA, 1992, p. 07)

Alguém simplesmente parecia ouvir atentamente. Sua fisionomia mudava acompanhando a fisionomia do narrador; chorava com o narrador, ria, se entristecia, se preocupava. Ele, através dos olhos, contava sua história a alguém. (BARBABELLA, 1992, p. 09)

O narrador situa a personagem em uma cama e começa a fazer uma retrospectiva de sua vida, desde quando Adriano nasceu, sua vida em família, na escola, suas vivências, até o seu estado atual. Em um determinado momento de sua vida, na escola, aparece um indício de sua inclinação sexual:

Sentia-se anormal, sentia-se mulherzinha, mas tinha que esconder de todos o seu grande segredo, o peso que carregava na consciência.

Na escola, ele vivia brigando, era uma das ovelhas negras. Assim, pelo menos, ninguém desconfiaria que aquele menino bagunceiro e atrevido gostava que lhe passassem a mão e achava homem bonito. (BARBABELLA, 1992, p. 42)

Surge na narrativa a sugestão de que um comportamento homoerótico ocorre entre os meninos da escola. As descobertas do corpo, da sexualidade, dos toques surgem e, às vezes, aparecem justamente com outros garotos que se sentem bem em mostrar as suas ereções:

Na escola a mesma coisa, os meninos gostavam de se juntar no banheiro ou atrás do pátio, tiravam o pinto e comparavam qual era o maior, qual tinha mais cabelo... Aproveitavam e contavam suas aventuras, o que fazia todos se excitarem. (BARBABELLA, 1992, p. 42)

De olhares e excitações passou-se a efetivar o comportamento homoerótico através de uma de suas manifestações: a relação sexual propriamente dita. Adriano se encontrou com um novo aluno chamado Leonardo e os dois, depois de olhares e toques em ambos os órgãos sexuais, acabam tendo relações homoeróticas. Vejamos um pequeno trecho:

Adriano explodiu num gozo de prazer, nunca havia gozado antes, levantou e viu o líquido derramado, líquido sagrado, “semente da criação”, desperdiçado, no chão, misturado com o capim e a terra. O gozo passou, agora a consciência do crime. Não era mais virtuoso, tinha se tornado mais um adúltero e anormal, o que era pior! Adriano sentindo o peso de seu crime, começou a chorar, chorava convulsivamente, estava perdido, São Jorge devia estar indignado. Leonardo estava apavorado, não sabia o que fazer, já tinha prometido, em nome de Deus e de sua própria mãe, que ninguém ia ficar sabendo, mas de nada adiantava, Adriano continuava desconsolado. (BARBABELLA, 1992, p. 59)

Aqui podemos perceber que a personagem sofre muito depois que manteve relações sexuais com a personagem Leonardo. Por possuir uma forte presença religiosa em casa, Adriano se sente um criminoso, pois é isso que o pastor coloca na cabeça dos seus seguidores. O pastor, que está em sua casa e é marido de sua mãe, este tentou colocar todas essas idéias na cabeça do garoto. Pecado, crime, o castigo dos santos, todo esse repertório vocabular indicia a compreensão do ato sexual homoerótico como “sujo”, “anormal”, típico de concepções científicas, religiosas e morais de séculos passados.

A personagem em um determinado momento decidiu morar sozinho e viaja para São Paulo para tentar encontrar os irmãos. Começa uma nova jornada na vida de Adriano, o personagem principal desta história. Foi empregado em um bar, depois foi faxineiro num hospital. Vejamos as situações em que Adriano vivia em seu trabalho:

Esse serviço também lhe dava oportunidade de conhecer várias pessoas, principalmente o pessoal da enfermagem que era muito aberto e não o discriminavam por ser faxineiro. Havia até uns rapazes da enfermagem que ele evitava, pois assim como as meninas, davam em cima dele. Adriano se irritava em ter que dar satisfações de sua vida íntima, as pessoas não aceitavam vê-lo quieto sem alguma aventura, queriam vasculhar sua vida e saber suas preferências sexuais. Adriano insistia que era religioso, mesmo assim, sempre o molestavam,

várias meninas chegaram a cantar Adriano abertamente, convidando-o a passar uns bons momentos juntos. (BARBABELLA, 1992, pp. 80-81)

Adriano acabou saindo deste hospital e indo para outro também para trabalhar de faxineiro, acabou conseguindo arranjar uma namorada e, neste sentido, sentia homem:

Estava namorando, e a namorada também trabalhava como faxineira, no mesmo hospital. Maria Rita era seu nome, clara, dos cabelos loiros, olhos azuis e muito risonha. Para Adriano não poderia acontecer coisa melhor, agora sim estava no caminho certo, andava com o pescoço erguido, sentia-se um homem, tinha convencido a si mesmo de que não era diferente dos outros rapazes.  
(BARBABELLA, 1992, p. 86)

Interessante é observar como o narrador acaba expondo as preocupações da personagem e a sua concepção a respeito do comportamento homoerótico. Se ele tinha um comportamento gay, isto era para ele errado e que não seria homem. A falta de compreensão dos seus próprios sentimentos o leva a um dos mais ledos enganos: o convencimento de si mesmo de que era igual aos outros rapazes. Para a personagem, sentir tal sentimento, atração, emoção, seria ser diferente daquilo que a sociedade heterocêntrica convencionou ser “normal”, “natural”. Por achar a garota muito atirada ele acaba o namoro e conhece um rapaz chamado Carlo. Adriano acaba, segundo o narrador, não resistindo as palavras bonitas de Carlo e se amam no carpete do apartamento de Carlo. Vejamos o trecho que segue:

Nunca tinha ouvido palavras tão bonitas, nem recebido melhor convite. Parado, em sua mente soletrava, palavra por palavra, o que ouvira. Carlo, esperto, percebendo o momento, aproxima-se de Adriano, olha-o bem nos olhos, passa-lhe a mão na nuca e dá-lhe um beijo na boca. Adriano, assustado, afasta-o. Era a primeira vez que era beijado por um homem na boca, e era bom demais; era pecado, poderia até mesmo ir para o inferno, mas precisava de outro beijo.  
Agora ambos se entrelaçavam em um demorado beijo... Caíram no carpete, arrancaram as roupas que, como intrusas, atrapalhavam a união desses dois corpos que pareciam querer se fundir em um. (BARBABELLA, 1992, p. 95)

Aqui já começa o que podemos chamar, de acordo com Zygmunt Bauman, de espaço estético:

A tecnologia do espaçamento estético faz dos olhos a abertura primária pela qual os prazeres, que o espaço cheio de multidão tem a oferecer, podem ser assumidos. Os estranhos, com seus modos singulares e imprevisíveis, com sua variedade caleidoscópica de aparências e ações, com sua capacidade de surpreender, são fonte particularmente rica de prazer para o espectador.  
(BAUMAN, 2003, p. 193)

Neste sentido, não só as coisas que estão neste espaço podem operacionalizar isso, mas também as pessoas que circulam nele. Os espaços sociais estão ligados aos conceitos de socialização e socialidade, segundo Bauman. A socialização está constituída por bases feitas de regras sociais, as regras do convívio. Sem elas, haveria caos nos relacionamentos e na sociedade como um todo. Na socialidade, as regras que sustentam os ditos relacionamentos sociais são suspendidas via prazer e satisfação. Vejamos:

A socialização ofereceu uma passagem segura ao “mundo do Terceiro”, o mundo fora do partido moral. A socialidade explosiva da multidão oferece outra passagem, mais excitante se bem que menos segura. A socialização tornou o vasto mundo lá fora habitável mediante normas e regras a serem memorizadas e obedecer-lhes. No

mundo criado num instante pela socialidade da multidão não há nenhuma norma e nenhuma regra para coibir – somente a mão estendida, esperando pegar outras mãos por perto. (BAUMAN, 2003, p. 152)

Depois de várias brigas, os dois já moravam juntos, Adriano e Carlo se separam e Adriano sofre a ponto de querer se suicidar: tomou comprimidos. A tentativa foi frustrante e ele admiti: “*Mas como dói morrer...*” (BARBABELLA, 1992, p. 97). Adriano encontrou um outro rapaz chamado Elder e foram morar juntos na casa da família do rapaz. A família aceitou, mas as brigas começaram e Adriano tenta o suicídio novamente se jogando pela janela, mas sobrevive. Sem emprego e passando fome começa a tentar “uma vida fácil” e isso causa dor na personagem que desabafa:

- Eu... não tenho culpa... eu não tenho culpa... – chora, chora sem parar. – Isto não é prostituição, eu não fi só por dinheiro... – chora convulsivamente. – Se eu recebi é porque precisava, e eu transei foi porque tive vontade... (BARBABELLA, 1992, p. 112).

Observemos outro trecho:

Adriano já tinha recebido várias promessas: que seria levado para Nova York, ganharia um carro, um apartamento mobiliado, etc. Mas Adriano era por demais malicioso; sabia que atrás das promessas existia sim o interesse de que ele se entregasse mais na cama. As promessas eram feitas e logo em seguida cobravam-lhe uma mudança de comportamento na cama; Adriano, com educação, dizia que faria de tudo, mas só depois de ver todas as promessas cumpridas. Foram muitas as vezes em que Adriano brigou; mas ele não se importava, sabia que era visto como uma mercadoria e como tal ele se comportava; se um cara lhe agradasse ele colocava um preço mais em conta; se não, o preço era impagável. (BARBABELLA, 1992, p. 118)

Interessante é observar que na obra, a personagem passa por quase todos os conflitos sociais que conhecemos, tais como: foi um garoto criado por mãe e por um padrasto; o padrasto era um pastor, autoritário e que o batia; logo cedo teve relações homoeróticas no colégio; fugiu de casa indo morar na casa de uma tia; depois morou sozinho e mais tarde dividiu um quarto com um rapaz; prostitui-se; teve um caso com um doutor rico que o abrigou; drogou-se e foi preso, sendo espancado e molestado na prisão. Obra rica em situações-limite trazendo como protagonista um rapaz de inclinação homoerótica em conflito consigo mesmo, devido às pressões religiosas em casa; em conflito com sua própria inclinação sexual, devido ao meio social que sempre mudava e que, muitas vezes, depreciava-o. Uma personagem que passou por muitos acontecimentos e que acabou com AIDS, restando, nos seus últimos momentos de vida, apenas a possibilidade de narrar a alguém (um desconhecido para ele), a sua história.

## **Conclusão**

Com relação aos estudos homoeróticos, colocamos-nos à deriva num barco teórico, na tentativa de uma melhor compreensão das vozes que representam a orientação homoerótica dentro da literatura brasileira contemporânea e, como vimos, duas grandes obras que tratam, cada qual a sua maneira, de relações homoeróticas conflituosas. Se em *Sombra severa* temos um amor que não pode ser realizado por ter diante de si duas barreiras extremamente fortes, amor de homem por homem e mais serem irmãos, em *Jaz mim*, encontramos uma personagem, de origem pobre, que não compreende bem seu sentimento e tenta a todo custo superá-lo, num primeiro momento, e que depois acaba entrando em conflito consigo mesmo e contraindo, no final da narrativa, a AIDS.



Parece-nos que não há muita saída, dentro do universo ficcionalmente criado, para essas duas personagens que não conseguem ou que não podem compreender determinadas manifestações da sexualidade, do erotismo.

**Referências bibliográficas:**

BARBABELLA, Júlio. *Jaz mim*. São Paulo: EDICON, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2003.

CARRASCOSA, Denise. *Confessando a carne em Grande Sertão: veredas*. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04dcarrascosa.htm>> Acesso em: 25 set. 2005.

CARREIRO, Raimundo. *Sombra severa*. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1986.

LOPES, Denilson. *Estudos Gays e Estudos Literários*. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/paccl/beatriz.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2004.

\_\_\_\_\_. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Record, 2002.

**Autor**

Prof. Dr. Luciano Ferreira da SILVA  
Universidade Federal do Pará  
e-mail: lucianosf31@bol.com.br